

Responsabilidade Social

6



A UNIVERSITÁRIA E OS GRANDES PROBLEMAS NACIONAIS:
ESTUDAR E ORIENTAR.

Devo desde já definir uma posição afirmando que não sou feminista ou, pelo menos, não o sou no sentido de advogar a causa da mulher masculinizada que pretende acertar o passo com o homem nas suas múltiplas actividades.

Defendo, com a Igreja, o ponto de vista de que a mulher casada, particularmente se tem filhos, deve dedicar ao lar todas as suas forças e creio ainda que a vocação natural da mulher é o matrimónio. Evidentemente, a vocação científica mais genuína existe também no nosso sexo, mas devemos confessar com lealdade que ela é pouco frequente.

O nosso adversário masculino tem atribuído esse facto a incapacidade intelectual, fingindo ignorar todas as afirmações da Ciência tendentes a provar o contrário. A verdade é que a mulher é um ser profundamente emotivo, menos ambiciosa do que o homem e que sabe, muito atiladamente, escolher a melhor parte na distribuição das grandes tarefas da vida.

Se olharmos com espírito de isenção para o panorama universitário dos nossos tempos, concluiremos que a decantada incapacidade intelectual feminina não passa dum mito; mais ainda, concluiremos que a rapariga que estuda, dum modo geral dedica a essa tarefa mais entusiasmo e amor que o seu comparsa masculino.

A população universitária não ignora que, salvo excepções, as raparigas trabalham mais que os rapazes, ocupam frequentemente os melhores lugares nas classificações e raramente permanecem nas Faculdades mais do que o tempo normal da licenciatura. Também as notas excessivamente baixas, os zeros, os cinco, aparecem com muito mais frequência entre o corpo discente masculino.

Decerto que tais factos não servem como padrões de inteligência, mas são um indicativo preciso de que a rapariga universitária realiza um trabalho mais sério, mais consciente e, porque não dizê-lo, mais eficiente que o realizado pelos rapazes.

Este brío e ardor tem uma justificação profunda. No campo intelectual, a mulher sabe que tem que lutar com o homem em desigualdade de circunstâncias e as dificuldades que ela encontra incitam-na a batalhar denodadamente para que lhe seja permitido a ela, ocupar também um "lugar ao sol". Esta é uma razão, mas não a mais generalizada nem talvez a mais importante.

A verdade é que a rapariga de hoje, ambiciona ser dentro do lar mais do que uma governante sem salário: ela pretende ser a companheira do homem na máxima amplitude da palavra; deseja poder compreender os seus pensamentos e anseios, aconselhá-lo nos momentos de fraqueza mas, acima de tudo, deseja ser a criadora da espiritualidade de seus filhos.

A mulher católica não pode admitir que conceda ao seu filho apenas a vida do corpo, deixando ao cuidado de mãos mercenárias o seu desenvolvimento mental.



Fundação Cuidar o Futuro

Ela quer estar junto dele, assistindo amorosamente ao desabrochar da sua inteligência, orientandô-o no caminho da verdade, afastando dos seus passos os obstáculos em que poderia tropeçar. Quere poder vibrar em uníssonô perfeito com o seu filho nas diferentes etapas da vida e compreender todas as suas dificuldades, nomeadamente as de carácter científico: acompanhá-lo nos estudos, auxiliá-lo nas dificuldades, sentir com ele a angústia dos exames, dar o devido valor ao seu trabalho intelectual. Sente a enorme ambição de ser a Mãe: não apenas do corpo, mas da alma e da inteligência do seu filho.

Deste ponto de vista, a formação intelectual superior da mulher que aspira ao matrimónio, surge quási como um dever de consciência; mas não apenas para esta, pois todo o ser humano tem o dever imperioso de valorizar ao máximo todas as suas potencialidades. A palavra de ordem neste sentido, vem bem expressa no Evangelho na Parábola dos Cinco Talentos: o servo a quem forem dados cinco talentos, deve negociar com eles até adquirir outros cinco e aquele que receber dois que ganhe outros dois, pois só assim entrará no gozo do seu Senhor.

Há ainda outro motivo que leva as raparigas à frequência dos bancos das Universidades: a insegurança da vida actual. Todos sabemos que não há no campo económico uma garantia de continuidade: o que se tem num dia pode não se ter no seguinte, o que se é hoje pode não se ser amanhã. Surge assim um factor de perturbação que incita à procura frenética de qualquer coisa que ofereça uma aparência de



Fundação Cuidar o Futuro

estabilidade, que muitos supõem poder encontrar numa carta de curso.

É frequente encontrar raparigas universitárias que procuram concluir a sua formatura como uma garantia para o futuro, sem pensarem na aplicação imediata do seu diploma.

Outras há, pelo contrário, que se dispõem a estudar, precisamente porque as dificuldades económicas as levam a procurar exercer uma actividade remuneradora, tanto quanto possível elevada e digna.

Não há dúvida que o verdadeiro campo de batalha da mulher deve ser dentro do lar, mas, se a Estatística é uma ciência verdadeira, e eu creio que é, um grande número de mulheres deverá permanecer solteira. Para estas, a elevação pessoal, depende e muito, dum trabalho honesto e digno que as valorize aos seus próprios olhos e perante a sociedade.

Surge agora um problema delicado. Creio haver concordância quasi absoluta no que respeita à legitimidade da educação feminina de carácter superior, mas desencandeia-se uma verdadeira controvérsia, quando a mulher pretende trabalhar ao lado do homem em igualdade de direitos. O homem defende-se da chamada competição feminina, mas não luta com lealdade; teimosamente vai-se mantendo aferrado a velhas fórmulas com que pretende legitimar todas as injustiças cometidas.

Deve dar-se a preferência ao homem, salvaguardar os interesses dos chefes de família, diz-se correntemente, como se não houvessem chefes de família femininos, raparigas que tem de sustentar os velhos pais, esposas cujos maridos não



Fundação Cuidar o Futuro

conseguem angariar o necessário sustento, viúvas que tem de providenciar para a educação de seus filhos e a inumerável multidão das raparigas que tem de contar apenas consigo mesmas.

Sei que tais casos são considerados como particulares, embora a mim, me pareçam excessivamente frequentes; mas ainda que sejam de facto casos particulares, gostaria de saber como será possível providenciar para defender os interesses de tais chefes de família femininos, se houver opposição sistemática à mulher empregada, considerada na generalidade?

Sem sair do campo universitário, todos nós sabemos que, salvo honrosas excepções, as Faculdades se opõem sem razão plausível, ao ingresso da mulher entre o corpo docente. Falta de valores femininos? Certamente que não, e poderia facilmente apresentar casos concretos se não fôsse o receio de, por um lado, ferir susceptibilidades e por outro lado, de sair do âmbito deste estudo.

Seja-me permitido defender a causa da mulher que deseja empregar a sua actividade quer por razões de carácter económico, quer impulsionada por uma decidida vocação intelectual. Vejamos as coisas com serena objectividade: a Nação precisa de verdadeiros valores? porque não se aceitam os que surgem mesmo que sejam mulheres? em nome da justiça mais elementar, porque não se generalizam ao máximo o critério das provas públicas, concedendo-se os lugares aos melhores classificados independentemente do sexo?

No âmbito universitário, não são as mulheres que fazem



concorrência aos homens, mas a superlotação dos licenciados fazendo concorrência uns aos outros; os filhos família para quem o esforço não se torna necessário, pois de qualquer maneira tem emprego assegurado; a incontável multidão dos estudantes cábulas, que se lançam na vida com a mesma impudência com que conseguiram arrancar a carta de curso, passando muitas vezes à frente do estudante honesto e trabalhador.

Nas nossas Faculdades, está demasiado generalizado o estudo à base de memória e os exames à base da cábula. Acontece assim frequentemente que uma classificação mais ou menos elevada não é de modo algum um índice de mentalidade, mas apenas indicativo duma memória bem treinada ou então, uma consequência da desonestidade intelectual.

Parece-me que seria possível acabar com este estado de coisas, se fôsse estabelecida a obrigatoriedade das provas orais públicas para as licenciaturas de carácter literário e os exames de livre consulta para as cadeiras de carácter científico. Neste último caso, conceder-se-ia um justo e razoável predomínio da inteligência sôbre a memória, com a vantagem de se poder separar mais facilmente os capazes dos incapazes.

Note-se que, se isto é louvável no campo de estudo, no domínio do trabalho deve aconselhar-se às raparigas que abandonem a lica, sempre que o emprego seja para elas apenas uma forma de passar o tempo, ou, meramente, uma fonte de receita para vestidos e passeios (e, ao fim e ao cabo, porque não aplicar o mesmo critério aos rapazes que possuem rendimentos próprios?). Para estes, mas mais particularmente indicado às



raparigas, existe um campo de batalha maravilhoso e imenso, aberto à sua actividade: o campo da caridade cristã, das chamadas obras sociais. É preciso lançar um grito de alerta, que desperte consciências adormecidas, reanime vontades túbias, oriente esforços dispersos. É preciso que a rapariga compreenda que os seus tesouros de inteligência e coração lhe não pertencem de direito.

Sinto-me às vezes maravilhada e confundida com a multiplicidade de dons que ^{me} foram concedidos e sinto com estranha acuidade que eles constituem como que um depósito à ordem dos menos afortunados. É preciso que nós, universitárias, compreendamos que: se temos olhos sãos, é para sermos a luz dos que não vêem; se temos ouvidos é para sermos o som dos que não ouvem; se temos membros é para sermos as mãos e os pés dos paralíticos; se somos ricas é para sermos o alimento e o vestido dos pobrezinhos; se somos cultas, é para sermos a luz dos ignorantes, porque a luz não é para por debaixo da alqueire, mas bem alta para que todos a vejam.

É preciso viver na realidade a Fé que dizemos professar. Que católicas somos nós para esquecermos tão facilmente os princípios básicos do Evangelho? que esquecemos, não digo já as leis da caridade cristã, mas as leis da justiça cristã?— os direitos que outros tem aos bens a que chamamos nossos, para pensarmos unicamente nas próprias comodidades?

É preciso acordarmos da sonolência em que temos vivido. Nós, universitárias, não podemos defendermo-nos alegando ignorância, nem orar a Deus no nosso coração com a inconsciência dum analfabeto.

*anotado
com o
artículo*



Pode sintetizar-se o estudo feito até aqui, apresentando as seguintes conclusões:

- 1ª) Deve reconhecer-se que à mulher assiste, não apenas o direito, mas, o dever de elevar ao máximo a sua educação intelectual, porque assim o exige a sua valorização própria e as funções de educadora que eventualmente virá a desempenhar.
- 2ª) Que a mãe de família compreenda que a Nação e a Igreja contam com ela, mais como educadora de seus filhos do que como funcionária, embora competente; que ela não abandone o lar pelo trabalho, a menos que uma premente necessidade económica o justifique.
- 3ª) Deve conceder-se à mulher o livre acesso a qualquer ramo de actividade intelectual, com iguais direitos aos dos homens, pois a livre concorrência é um factor de valorização individual.
- 4ª) Declare-se guerra ao estudante cábula, impondo-se ou a obrigatoriedade das provas orais públicas ou os exames de livre consulta. Generalize-se o sistema de concurso em todas as candidaturas a empregos, públicos ou não, concedendo-se o lugar ao melhor classificado independentemente do sexo.
- 5ª) Que as raparigas que possam dispor de si mesmas, se dediquem de alma e coração a valorizar os menos afortunados: elevando-lhes a mentalidade, educando-lhes o senso moral, aliviando-os nos sofrimentos físicos, ensinando-lhes por uma aplicação prática os fundamentos dum sã cristianismo.

EM COR UNUM ET ANIMA UNA

Maria Helena Mariano

